

A MAGIA PARA O AMOR E PARA A FERTILIDADE NO MUNDO GREGO

Sandra Ferreira dos Santos⁹⁵

RESUMO

A magia esteve presente no mundo grego ao longo de toda a sua existência, convivendo com o culto aos deuses e, muitas vezes, confundindo-se com a Medicina. A prática da magia no mundo grego pretendia, em especial, vingar uma ofensa ou proteger o seu realizador, mas, também, era empregada com finalidades amorosas e para propiciar a fertilidade - ou, ao contrário, a contracepção. Seu uso com estas intenções foi bem documentado por autores antigos e está representado nos objetos encontrados pela Arqueologia, conhecidos como *katadesmoi*. O estudo destas fontes pode nos trazer novos olhares sobre as relações sociais neste período da História.

Palavras-chave: Magia; Culto aos Deuses; Medicina; *Katadesmoi*.

A magia esteve presente no mundo grego ao longo de toda a sua existência, tendo, no entanto, ganhado destaque e maior difusão em torno dos séculos IV e III a.C. Os motivos apontados para este significativo desenvolvimento das práticas de magia foram o declínio das *pólis* – quando o individual superou o coletivo (CÂNDIDO, 2004, p. 20, FARAONE, 1991, p.4, FOWLER, 1995, p.1-2) - e a conquista macedônica, que por ter agregado diversas áreas, aumentou o repertório mágico entre os gregos (CÂNDIDO, 2004, p.84).

As práticas mágicas eram utilizadas entre os gregos para diversos fins. Elas podem

⁹⁵ Mestre em História Comparada (PPGHC- UFRJ), doutoranda em Arqueologia (Museu Nacional – PPGArq-UFRJ), orientadora Prof^a Dr^a Marta Mega de Andrade, tema da pesquisa de doutorado: Espaços femininos na Grécia e suas colônias nos século IV a.C. Órgão financiador: CNPq. E-mail: sandraferreira@mn.ufrj.br.

ser identificadas a partir de artefatos arqueológicos conhecidos como *katádesmoi* (Fig. 1 e 2), além de serem mencionadas em obras ficcionais (peças de teatro) e em textos médicos⁹⁶. Pretendiam, em especial, vingar uma ofensa ou proteger o seu realizador, mas também eram utilizadas com finalidades amorosas e para propiciar a fertilidade (ou a contracepção) (FOWLER, 1995, p.2, CÂNDIDO, 2004, 52-53, EIDINOW, 2007, p. 207-209 e 216).



Figura 1: Katádesmos, 410-420 a.C, contendo a inscrição "...e a qualquer um que testemunhe a favor dele". Museu Arqueológico de Atenas. Fotos: Sandra Ferreira dos Santos



Figura 2: Katádesmos, IV sec. a.C, contendo a inscrição "...Eu amarro sua língua, sua mente, sua alma e seu corpo, bem como seus atos e sua mente, espírito, intelecto e vontade".

A Magia para o Amor

A magia para o amor era executada pelo interessado (a) ou por especialistas que sabiam como fazer os *katádesmoi* amorosos, os filtros e os encantamentos. Este tipo de magia pretendia forçar o amado (a) a se apaixonar, garantir a fidelidade ou a volta – nos casos de separação – ou ainda, servia de vingança nos casos de desprezo (WINKLER, 1991, p.231, CÂNDIDO, 2004, p.82, EIDINOW, 2007, p. 216). No entanto, apesar de apresentarem a possibilidade de destruição da pessoa à qual eram dirigidas, as imprecções amorosas raramente tinham a intenção real de fazer o mal (FARAONE, 1991,

⁹⁶ É importante considerar que magia, medicina e religião estavam bastante amalgamadas no mundo antigo. Para entender melhor esta discussão, veja: BETZ, H.D. Magic and Mystery in the Greek Magical Papyri. In: FARAONE, C. e OBBINK, D (ed.), **Magika Hiera: Ancient Greek Magic and Religion**, Oxford: Oxford University Press, 1991; e FOWLER, R. Greek Magic, Greek Religion, Illinois Classical Studies, No 20, 1995.

p. 8).

Os gregos antigos acreditavam na força mágica das palavras – principalmente as palavras escritas – e na possibilidade de que uma pessoa pudesse adoecer de amor, mal causado por Eros, Hécate ou Pan. Um encantamento amoroso em nome destes deuses também poderia causar este tipo de sofrimento (FARAONE, 1991, p. 6, STRUBBE, 1991, p. 41, CÂNDIDO, 2004, p.87, WINLKER, 1991, p.222-223) e, portanto, sempre havia a desconfiança de que alguém que mostrasse algum sinal de sofrimento tivesse sido vítima de um encantamento.

As imprecizações, a princípio, parecem ter surgido como maldições faladas, tendo se modificado para a forma escrita com o passar do tempo, um processo, sem dúvida, acelerado pelo aumento da alfabetização no período clássico (FARAONE, 1991, p.5). A grande quantidade de amuletos com fórmulas escritas no período clássico demonstra esta transição gradual da prática da mágica oral para as práticas escritas. As peças teatrais e a mitologia evidenciam a existência da magia na época clássica, a partir da presença de personagens como as feiticeiras Medéia (EURÍPIDES - Medéia) e Circe (HOMERO - Odisséia) ou mulheres desprezadas como Djanira (esposa de Hércules) e Samanta (ou Simeta - Σιμαίθα - se seguirmos a transliteração exata) (TEÓCRITO - Idílio 2). Embora se deva considerar com cuidado evidências de cunho ficcional, FARAONE (1990, p. 222-229), após analisar inúmeros textos antigos, afirmou que estas obras faziam referência a práticas reais.

A narrativa poética de Teócrito, do século III (período helenístico) coloca Samanta envolvida em uma paixão não correspondida que a induziu à magia amorosa para conseguir a atenção de seu amado (TEÓCRITO, II, 25):

“...eu queimo este ramo de louro e assim como ele arde em brasa,
que arda também em chamas o corpo de Delfos”

A ideia de fazer o corpo do “amado arder em chamas” integrava o repertório da magia amorosa grega e podia significar arder de paixão ou, em caso de desprezo do

amado, na sua real destruição física. Por este motivo, muitos homens temiam ser vítimas de feitiços, principalmente das *hetairas*, que poderiam desejar manter a fidelidade do cliente. Isso se estendia às mulheres casadas, que, por ciúme ou pretendendo manter o interesse do marido, poderiam realizar feitiços e encantamentos (FARAONE, 1999, p. 2, CÂNDIDO, 2004, p.92, SILVA, 2008, p.35). PLATÃO (Leis, 933 a-c) mencionou o medo de alguns homens quando encontravam figuras de cera - presumivelmente bonecos utilizados para a magia amorosa - nas encruzilhadas ou próximo às tumbas. É importante lembrar que as mulheres sempre foram consideradas mais próximas do mundo da magia e, portanto, portadoras de um saber ritual que poderia ser usado para o bem ou para o mal (BLUNDELL, 1998, pg.1, STEARS, 1998, pg. 123).

Os objetos e as imprecações utilizadas para a magia amorosa eram, em geral, enterrados junto às tumbas. Diversas figuras de cera ou de chumbo enroladas com fios de cobre e contendo as palavras: “ABRASAX⁹⁷, eu envolvo NN rápido”, foram encontradas em cemitérios gregos (CÂNDIDO, 2004, p.98). Como exemplo emblemático desta prática, podemos citar novamente Teócrito. Desprezada por seu amado, Samanta resolveu executar a magia amorosa, de modo a despertar a sua fidelidade, impedindo que ele tivesse prazer sexual com outra pessoa. Munida de uma figura de cera com as mãos atadas para trás, ela pronuncia:

“...eu faço fundir esta cera com o auxílio da deusa e assim desperto o amor de Delfos...” (Teócrito, II, 30) e ainda : “...três vezes eu faço uma libação e por três vezes pronuncio estas palavras: quem quer que se deite com ele, seja homem ou mulher, que ele esqueça completamente, assim como Teseu esqueceu Ariadne”(Teócrito, II, 45).

Consta nos Papiros Mágicos Gregos (PGM)⁹⁸ informações de que muitos

⁹⁷ Palavra muito comum em amuletos mágicos do século II d.C, sem significado definido. Para maiores informações sobre as hipóteses a respeito do significado desta palavra, veja Budge, W. Amulets and Talismans, New York: University Books, 1930, p.208-209.

⁹⁸ Documentos greco-egípcios, datados entre os séculos II a.C e V d.C que contém inúmeras fórmulas, rituais e mágicas que dão um testemunho importante da religião mágica helenística (Chevitarese e Corneli, 2007, p. 82).

encantamentos para o amor utilizavam o fogo, como por exemplo, o que se encontra no PGM XXXVI,81-82, que diz:

“Que a alma e o coração de NN queime e continue em fogo até que NN me ame e venha para mim.”

O (a) solicitante deste tipo de encantamento deveria fazer uma figura de cera ou de chumbo representando o (a) amado (a) com as mãos atadas às costas, possivelmente em um modelo semelhante ao da figura abaixo, que se encontra atualmente no Museu Arqueológico de Atenas (Figura 3) e queima-la no momento em que pronunciava a imprecisão.



Figura 3: Museu Nacional de Atenas, 10807. Fonte: Cândido,

Outro tipo de magia amorosa presente nos Papiros Mágicos Gregos é a utilização destes moldes em cera ou em argila crua como bonecos *voodoo*. Um exemplo muito conhecido é um objeto que se encontra no Museu do Louvre (Figura 4) e que, apesar de ter sido datado do século II –III d.C, é um exemplo de práticas muito mais antigas. De posse de uma pequena figura masculina ou feminina com os braços amarrados, deveriam ser selecionadas 13 pequenas estacas de ferro semelhantes a pregos e o executor da magia deveria recitar enquanto furava o boneco (PGM IV.296ff):

“eu estou perfurando este prego no cérebro de NN, enterro dois nos seus ouvidos, dois nos seus olhos e um na sua boca...dois em seu peito...um em sua mão, dois eu enterro na sua genitália e dois nos seus pés. Eu enterro estes pregos em cada uma das suas partes NN, para você não se interessar por ninguém, mas somente por mim, só pense em mim”.

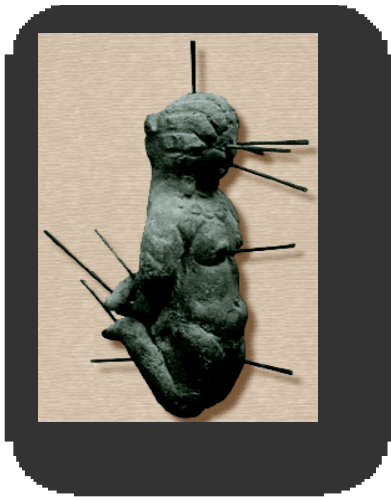


Figura 4: Modelo em terracota de uma mulher, perfurado com estacas de ferro. C. 200-300 d.C. Esta figura foi enterrada em um vaso junto com uma placa de chumbo contendo um encantamento amoroso. Museu do Louvre E 27145.

Os *katadesmoi* amorosos podiam ser confeccionados para incentivar a paixão e o desejo (afrodisíacos) ou para afastar um rival, no caso de um triângulo amoroso. Um exemplo que serviria a estes dois propósitos é citado por FARAONE (1991, p.13):

“...Vá para ela e retire seu sono, sua bebida, sua comida e não permita que Matrona tenha relações sexuais ou se apaixone por qualquer outro homem, exceto Theodores. Arraste Matrona pelos cabelos, pelos intestinos, pela sua alma, pelo seu coração até que ela venha para Theodores e faça-a inseparável de mim até a morte, noite e dia, em cada hora do tempo. Imediatamente, imediatamente, rapidamente, rapidamente, agora, agora.”

Além de *katádesmoi* e imprecações, dizia-se que as mulheres também faziam uso de poções mágicas para enfeitiçar de amor, fazer o corpo arder de desejo ou arder literalmente em chamas, como foi o caso de Hércles (Djanira) e da nova mulher de Teseu, por vingança de Medéia. Poções para enfeitiçar Odisseus foram usadas por Circe, na Odisséia (SILVA, 2008, p.44).

Figuras de Eros feitas em cera também eram usadas como “assistentes” pelo seu possuidor para que este se tornasse desejável para todos os homens e mulheres, garantindo também carisma, sucesso e um discurso doce e melodioso. Os termos *φιλτροκατάδεσμος* (*filtrokatádesmos*) e *χαριτήσιον* (*charitísiōn*) englobam não só encantamentos e amuletos, mas, também, métodos para estimular o desejo sexual, como cremes ou unguentos para o pênis feitos com óleo de peixe (PGM XXXVI.283-94) ou

poções mágicas. O pênis de um lagarto capturado no momento da cópula produziria indissolúvel afeição na mulher que, inadvertidamente, o bebesse; jogar um lenço sobre lagartos copulando faria a pessoa irresistível e a cauda do lagarto usada como amuleto promoveria a ereção (CYRANIDES, 2.14.10-13)⁹⁹ (WINKLER, 1991, p. 220).

Muitas fórmulas mágicas estão presentes nos Papiros Mágicos Gregos, demonstrando que eram práticas comuns na vida social da área do Mediterrâneo (WINKLER, 1991, p. 233). Sussurrar algumas palavras em um copo com vinho antes de dar a alguém para beber (PGM 285-89, 619-27, 643-51), falar sete vezes o nome de Afrodite enquanto olhava para alguém (PGM IV. 1265-1274) ou usar um óleo feito com um escaravelho do sol cozido em mirra com um toque de ervilhaca, fazia com que a pessoa amada seguisse aquele que fizesse o feitiço assim que fosse tocada (PLINIO, *Historia Naturalis*, 27.57, DIOSCORIDES *Materia Medica* 4.131).

Magia para a fertilidade

A manutenção da fertilidade era uma preocupação no mundo antigo, pois a fertilidade das mulheres, dos animais e dos solos eram vistas como interdependentes. Desta maneira, o papel da mulher na sociedade antiga era o de esposa e de mãe e a completude de um ser humano passava pela existência de filhos, que mantivessem a comunidade, a família e a memória dos pais (BLUNDEL, 1998, p. 7, 55-56, COLE, 1998, p. 27-43, POMEROY, 1998, p. 121, CLOSTERMAN, 1999, p. 282). A verdadeira morte para os gregos era o esquecimento, daí a grande importância dada aos ritos funerários e a necessidade de filhos para realizá-los (AUBERT, 1989, p.441 e 448, RODRIGUES, 1983, pg. 80-81).

Acreditava-se que as mulheres podiam ser afetadas por influências naturais ou mágicas no momento da concepção, da gravidez e do parto e como este era um momento importante e liminar – e, portanto, perigoso – a fim de auxiliar o bom andamento e

⁹⁹ Cyranides ou Kiranides é um manual com a compilação de textos mágico-médicos gregos que foram reunidos em torno do século I.

garantir uma gravidez perfeita e um parto com bons resultados, eram utilizados encantamentos, poções e amuletos (RITNER, 1984, p.210, AUBERT, 1989, p.421).

Amuletos eram elaborados para todas as situações da vida e, assim como tinham finalidades associadas a conquistas sociais - como amor, riqueza, poder ou vitória - também eram utilizados para resolver problemas médicos ou para barrar influências demoníacas que poderiam ser causadoras de doenças (KATANSKY, 1991, p. 108). A magia poderia, ainda, ser usada como forma de prejudicar os inimigos – na tentativa de afetar a gravidez e o feto ou provocar o aborto - visando a contracepção ou, no caso da magia amorosa, conjurando o útero da mulher a ser acessível somente ao sêmen de determinado homem (AUBERT, 1989, p. 426).

Para os antigos gregos, um dos perigos aos quais as mulheres estariam vulneráveis era a natureza do próprio útero. O útero era considerado uma entidade independente que se deslocava por dentro do corpo da mulher e sua movimentação causava dores, doenças e infertilidade. Ele era associado a alguns animais, como o polvo e a rã ou ainda com demônios ou entidades primordiais. Era preciso, portanto, parar o útero com encantamentos, amuletos ou pelo uso de fármacos (RITNER, 1984, p.210-212, LAM, 2007, p.161-162, AUBERT, 1989, p.423-424).

Encantamentos e amuletos para a proteção do útero (da gravidez, do feto e da fertilidade) aparecem desde os tempos minoicos e se difundiram até os períodos helenístico e romano (AUBERT, 1989, p.421).



Figura 5: Amuleto de fertilidade do período cicládico inicial, 3000 – 2000 a.C. Museu Arqueológico de Atenas

Muitos dos amuletos para a fertilidade e para proteger contra o mal tinham a

forma de falos. Eles eram muito comuns em toda a Grécia e poderiam ser vistos nas paredes, portas ou entradas das casas ou eram usados como pingentes para cordões (GONZÁLES-WIPPLER,1991, p. 44) . Algumas cidades tinham grandes monumentos em forma de falos.



Figuras 6-10: Coleção do Museu Nacional/UFRJ.



Figura 11: Tintinabulum, século I d.C, British Museu, 1856.12-26.1086

É no corpo hipocrático (450-430 a.C) e no *De Materia Medica* de *DISCORIDES* (c. 77 d.C) que encontraremos inúmeras fórmulas para proteger a gravidez, o útero e a criança de doenças e de influências malignas. Estas fórmulas pretendiam manter o útero em seu lugar, fecha-lo ou abri-lo para garantir a concepção, a manutenção do feto ou a sua expulsão (no momento do parto ou em caso de feto morto). Também eram usadas para garantir o retorno da menstruação, fosse para garantir a saúde, fosse como forma de induzir o aborto (AUBERT, 1989, p.422). Nos textos egípcios, os problemas envolvendo o útero também figuram como a principal causa de doenças nas mulheres (RITNER, 1984, p.210).

Os procedimentos “médicos” eram considerados como mais efetivos e, em geral, empregavam drogas feitas de ervas que eram administradas pela boca (KOTANSKY, 1991, p. 109) ou por meio de supositórios vaginais. Estes fármacos poderiam ter ação afrodisíaca ou anafrodisíacas e, neste último caso, visava diminuir o desejo do homem em momentos

de perigo para a mulher ou como forma contraceptiva (VAN DE WALLE, 2005, p.2). Os médicos, no entanto, também se utilizavam de encantamentos e de amuletos para auxiliar suas pacientes.

Amuletos uterinos aparecem, em especial, no período helenístico. Eles contém diversas fórmulas para a proteção do útero, como a serpente engolindo o próprio rabo (*ouroboros*) – que mantinha sob proteção o que estivesse em seu interior - deusas e deuses protetores da maternidade, como Hator e Isis ou com propriedades apotropaicas – como Khnum (que também era considerado como propiciador do nascimento) e Bes (AUBERT, 1989, p. 428 e 443, RITNER, 1989, p. 217-220). Em geral, nestes amuletos podemos ver a imagem do útero (em forma de um vaso invertido) com uma chave na parte superior (que teria a propriedade de abrir ou fechar o útero) e, na parte traseira do amuleto, aparece a palavra *ορωριουθ* (*ororiouth*). Esta palavra era muito utilizada em amuletos, sem que, no entanto, se saiba o seu real significado. Há a possibilidade de se tratar de uma palavra mágica ou de um nome de uma entidade protetora (RITNER, 1984, p.210-211, AUBERT, 1989, p.443).



Este tipo de amuleto, com frequência, também continha as vogais gregas (AEHIOYΩ), pois se acreditava que a vibração destes sons servia como forma de proteção divina quando entoadas ou pronunciadas repetidas vezes (RITNER, 1989, p.218). O material no qual eram feitos os amuletos também era importante. A pedra utilizada era,

em geral, a hematita – pedra de sangue, nome derivado do traço vermelho provocado pelo mineral - conhecida na antiguidade por suas propriedades sobre a circulação do sangue (RITNER, 1984, p.210-211, AUBERT, 1989, p.434-435, FARAONE, 2009, p.246).

Outros encantamentos e fórmulas também podiam estar presentes nos amuletos uterinos, que poderiam ter a intenção de suspender a menstruação ou a hemorragia e permitir a gravidez ou, ao contrário, provocar o aborto ou a contracepção:

“Contraia útero, se não Typhon castigará você.”(p.Ebers)¹⁰⁰

“A inundação para através da boca da vulva, assim como o Baixo Egito é fechado em sua margem sul, como a boca do vale é fechada” (pBM 10059, 45)¹⁰¹.

“Ele foi fechado por Horus , ele é aberto por Seth” (HMP)¹⁰²

“Deixe o órgão sexual e o útero de NN ser aberto e faça com que ela sangre dia e noite” (PGM 62, 130-6).

A fórmula mágica *Soroor*¹⁰³ também aparecia com frequência nos amuletos. Ela não tem um significado definido, mas aparentemente era uma forma de magia pelo som. Pode estar relacionado ao espírito que abria portas, uma vez que também era usada em encantamentos amorosos, visando abrir a alma e o corpo ao amado. Neste caso, o encantamento era escrito e colocado na boca de uma múmia (RITNER, 1989, p.218).

Para facilitar a concep o, para a recupera o da parturiente, para facilitar o parto ou, ainda, para aliviar a dor também eram utilizados fármacos feitos com ervas. Como contraceptivos eram usados po oes, supositórios vaginais, encantamentos e métodos mais agressivos que provocavam o sangramento (VAN DE WALLE, 2005b, p.2). Há um trecho no Hino Hom rico   Demeter (linha 209) em que a deusa bebe uma poço

¹⁰⁰ Pairo Ebers – textos médicos egípcios

¹⁰¹ pBM 10059 ou P.BM 10059 – papiros médicos egípcios que se encontram no Museu Britânico (London Medical Papyrus).

¹⁰² Harris Magical Papyrus

¹⁰³ Σοροορμερφεργαρβαρμαφριοργξ

contendo uma mistura de menta (poejo) e água. O poejo aparentemente tinha uma associação mítica com as funções do nascimento e do cuidado com o recém-nascido. Ele também era associado à atração sexual feminina e à contracepção. Seu efeito contraceptivo é atestado no corpus hipocrático (*Nature of Woman*, 8, 364) e em DIOSCORIDES (111,31.1), tendo sido utilizado, até recentemente, em forma de óleo, como abortivo, uma vez que agiria como um irritante dos rins (provocando a diurese) e estimularia contrações uterinas, de forma reflexa (SCARBOUROUGH, 1991, p. 145). SORANO (*Ginecologia*, 1, 64) também indicava plantas com propriedades diuréticas como forma de provocar o aborto.

Além de empregar algumas drogas e venenos para evitar a procriação, como espermicidas e outras substâncias presumidamente contraceptivas (por exemplo: compostos de ferro, carbonato de chumbo, suco de limão, concentrados de mel e acácias, óleos de hortelã-pimenta e cedros, dentre outros), eles também recorriam a encantamentos mágicos. Segundo DIOSCORIDES (*Materia Medica*), se uma mulher grávida pisasse sobre uma raiz de ciclâmen, abortaria. Ainda de acordo com o mesmo escritor, a raiz de aspargo, conduzida como amuleto, tornaria a pessoa estéril (*Materia Medica*, 3, 151). Plínio diz que, se uma mulher grávida comesse ovo de corvo, estaria sujeita ao abortamento (*Historia Naturalis*, X, 32).

Hipócrates recomendava o uso do sumagre em fumigações, pessários ou clisteres para regular o excesso de bile na mulher grávida, limpar o útero e como emenagoga¹⁰⁴. Sorano recomendava o uso do sumagre como contraceptivo (AUBERT, 1989, p. 433). Para este fim, também eram utilizadas ervas que estimulavam as contrações uterinas (oxitóxicos) (VAN DE WALLE, 2005a, p.5 e 8).

Além da utilização de ervas, o médico grego SORANO (séc. I d.C.) recomendou alguns métodos pouco ortodoxos para a prevenção da gravidez. Dentre esses métodos

¹⁰⁴ Plantas emenagogas são conhecidas pelas suas propriedades para estimular o fluxo sanguíneo no útero, podendo provocar a menstruação e o abortamento.

incluem-se, por exemplo, prender a respiração durante a relação sexual - ato que supostamente bloquearia o colo do útero, impedindo a passagem dos espermatozoides (Ginecologia, 1, 61) - ou saltar após a relação sexual – de forma a expelir o sêmen (Ginecologia, 1, 64).

O fato de encontramos, ao mesmo tempo, métodos que pretendiam garantir a fertilidade e outros que eram contraceptivos e abortivos, é fato curioso em uma sociedade que valorizava tanto a fertilidade como a sociedade grega antiga. Isto, no entanto, aparentemente era algo rotineiro na área do Mediterrâneo antigo, pois vários exemplos também podem ser encontrados nos textos egípcios. Os motivos para optar pelo aborto eram vários: *hetairas* ou mulheres solteiras que não desejavam filhos; se a gravidez colocava a vida da mãe em risco ou quando estavam envolvidas questões de herança (casos da Grécia e de Roma, principalmente na elite), conforme referido em AUBERT (1989, p. 426) e em CALDWELL (2004, p.3).

O que faz destes objetos e textos algo tão interessante é que por meio das imprecações e *katadesmoi* algumas das mais importantes documentações referentes à iniciativa e ao desejo das mulheres do mundo antigo aparecem, uma vez que as vozes reais das mulheres gregas antigas são sempre filtradas em fontes elaboradas pelos homens.

A existência deste tipo de registro e do relato de que tanto homens quanto mulheres praticavam atos de magia amorosa e/ou relacionada à fertilidade ou à contracepção na Grécia Antiga lança um olhar fascinante sobre esta sociedade e nos faz questionar aspectos que já se encontram há muito fixados.

A primeira questão que salta aos olhos é que estas fontes colocam em dúvida a tão conhecida subordinação feminina e a impossibilidade das mulheres gregas de conhecerem homens pelos quais se apaixonassem. É um fato bem estabelecido que as moças – e, em especial as da elite ateniense - não podiam escolher seus maridos e, como viviam reclusas, tinham poucas chances de conhecer homens de fora do seu grupo familiar.

Certo está que estes objetos e vestígios da vida cotidiana no mundo antigo não possuem endereço certo e não temos como afirmar quem eram as pessoas que os utilizavam. No entanto, nada também nos leva a supor que eles não fossem utilizados pelos mais variados grupos, inclusive pelas moças da elite.

Outra questão que se apresenta a partir destes objetos é o questionamento de outra “certeza arraigada”. A ideia de que a sociedade grega era uma sociedade eminentemente masculina em que os homens somente conviviam, se divertiam e amavam na companhia de outros homens, fica comprometida a partir de tantas evidências de desejos mútuos. Os objetos e os documentos que estudamos neste trabalho nos apresentam outras possibilidades de entendimento das relações sociais e amorosas, no mundo antigo.

É preciso, sem dúvida, levar em consideração que estas fontes referem-se a períodos diversos e espaçados, mas creio que este fato tende a demonstrar que a magia amorosa e relacionada à fertilidade/contracepção se tratava de uma prática continuada e não de algo marginal que veio a se popularizar em um período de desagregação dos valores *políades*.

Um entendimento sobre a prática da magia amorosa e em relação à fertilidade ou à contracepção pode nos levar a um melhor entendimento sobre as relações amorosas e sobre as possibilidades das mulheres gregas. Em um trabalho anterior, levantei a possibilidade de que as mulheres na Grécia Antiga se utilizassem de artifícios a fim de resistir à subordinação à qual eram impostas (SANTOS, 2011). As práticas mágicas podem também ter servido a este fim. Em primeiro lugar, como uma tentativa de escolha do parceiro e, segundo WINKLER (1991, p.233), também como escape para o controle familiar. Uma vez que a moça afirmasse ter sido vítima de uma imprecisão amorosa, de um demônio ou de uma feitiçaria, a sua honra e a de sua família não ficariam abaladas caso ela tivesse um romance com um homem que não aquele escolhido por sua família. Isto daria às mulheres uma maior autonomia sexual, pois, teoricamente, tiraria delas a

responsabilidade por seus atos.

Estes objetos e textos nos falam, enfim, de desejos. Desejos de união, de continuação (ou não), desejos de escolha. Eles nos mostram um pouco mais das pessoas reais – homens e mulheres – que faziam parte do mundo e da cultura grega da Antiguidade.

Referências Bibliográficas

- ALSINA, J. Teòcrit. **Idillis**. Barcelona: Fund. Bernat Metge, 1961.
- AUBERT, J.J. Threatened wombs: aspects of ancient uterine magic. *Greek-Roman and Byzantine Studies*, No 30, 1989, p. 421-449.
- BETZ, H.D. Magic and mystery in the Greek Magical Papyri. In: Faraone, C. e Obbink, D (eds). **Magika Hiera**. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 244-259.
- BLUNDELL, S. and WILLIAMSON, M. **The sacred and the feminine in Ancient Greece**. London: Routledge, 1998, 192 p.
- BRANDÃO, J.S. **Mitologia Grega**, 3 v. Petrópolis: Vozes, 2ª ed. (v. 1), 1986-1987.
- BUDGE, E.A.W. **Amulets and superstitions**. Oxford: Oxford University Press, 1930.
- BUDGE, E.A.W. **Amulets and talismans**. New York: University Books, 1930
- CALDWELL, C.J. Fertility control in the classical world: was there an ancient fertility transition? *Journal of Population Research*, Volume 21, Number 1, 1-17, 2004.
- CÂNDIDO, M.R. **A Feitiçaria na Atenas Clássica**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2004.
- CHEVITARESE, A. e CORNELLI, G. **Judaísmo, Cristianismo e Helenismo**. Ensaio acerca das integrações culturais no Mediterrâneo Antigo. São Paulo: Annablume, 2007.
- CLOSTERMAN, Wendy. **The self-presentation of the family: the function of classical attic peribolos tombs**. Ann Harbor: PhD Phil. Tesis, Johns Hopkins University, 1999.
- COLE, S. Domesticating Artemis. In: BLUNDELL, S. and WILLIAMSON, M. **The sacred and the feminine in Ancient Greece**, London: Routledge, 1998, p. 27-43.
- DELATTE, L. **Textes latins et vieux français relatifs aux Cyranides**. Paris: Droz, 1942.

- DIASCORIDES. **Materia Medica**. Trad. Osbaldeston, T.S. Johannesburg: IBIDIS, 2000.
- EIDINOW, E. **Oracles, curses and risk among the ancient Greeks**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- EURÍPIDES. **Medéia**. Trad. Flávio Ribeiro de Oliveria. (ed. bilíngue). São Paulo: Odysseus, 2006.
- FARAONE, C. A. Aphrodite's ΚΕΣΤΟΣ and apples for Atalanta: aphrodisiacs in early greek myth and ritual, *Phoenix*, No 44, 1990, p. 219-243.
- FARAONE, C. **Ancient greek love magic**. London: Harvard University Press, 1999.
- FARAONE, C. Stopping evil, pain, anger, and blood: the ancient greek tradition of protective iambic incantations *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, No 49, 2009, p. 227-255.
- FARAONE, C. The agonistic context of early greek binding spells. In: Faraone, C. e Obbink, D (eds). **Magika Hiera**. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 3-32.
- FOWLER, R. Greek magic, greek religion. *Illinois Classical Studies*, No 20, 1995, 22 p.
- GONZÁLEZ-WIPPLER, M, **The complete book of amulets and talismans**. St. Louis: Llewellyn Publications, 1991.
- HINO HOMÉRICO À DEMÉTER. **Hinos Homéricos**. Tradução Jair Gramacho. Brasília: Editora UNB, 2003, p. 69-84.
- HIPÓCRATES. **Oeuvres completes d'Hippocrate**, ed. E. Littré :Paris, 1839-61, vol 8, p.364.
- HOMERO. **Ilíada**. Trad. Haroldo de Campos (ed. bilíngue). São Paulo: Editar Arx, Vol I 2001, Vol II 2002.
- KOTANSKY, R. Incantations and prayers for salvation on inscribed greek amulets. In: Faraone, C. e Obbink, D (eds). **Magika Hiera**. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 107-137.
- PLATÃO. **The Laws**. London: Peguin Books, 1975.
- LAM, D.C.F The uterus and female illness: western uterine medicine from the classical period to the renaissance. *University of Toronto Medical Journal*, Volume 84, Number 3,

2007.

PLÍNIO. *Historia Naturalis*. Trad. John Bostock e H. T. Riley, 1855. Fonte: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Plin.+Nat.+toc&redirect=true>

POMEROY, S. Death and the family. In: POMEROY, S. **Families in Classical and Hellenistic Greece** : representations and realities. Oxford: Claredon Press, 1998, 100 – 140.

RITNER, R.K. A uterine amulet in the Oriental Institute Collection. *Journal of Near Eastern Studies* No 3, 1984, p.209-221.

RODRIGUES, J. C. **Tabu do corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, 173 p.

SANTOS, S.F. **Eros e Thánatos: o casamento como violência simbólica e estratégia de representação feminina na Atenas Clássica**. Dissertação de mestrado, UFRJ, 2011, 192 p.

SCARBOROUGH, J. The pharmacology of sacred plants, herbs and roots. In: Faraone, C. e Obbink, D (eds). **Magika Hiera**. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 138-174.

SILVA, C.R.C, **Magia Erótica e Arte Poética no Idílio 2 de Teócrito**, Tese de doutorado, Universidade de Coimbra, 2008, 343 p.

SORANUS, 1991. **Gynecology**. Translated by Owsei Temkin. Baltimore: The Johns Hopkins Press.

STEARNS, K. Death becomes her: gender and Athenian death ritual. In: BLUNDELL, S. and WILLIAMSON, M. **The sacred and the feminine in Ancient Greece**, London: Routledge, 1998, p. 113-127.

STRUBBE, J.H.M. Cursed be he that moves my bones. In: Faraone, C. e Obbink, D (eds). **Magika Hiera**. Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 33-59.

VAN DE WALLE, E. Birth Control in an Era of Natural Fertility: The Heritage of Dioscorides. *International Union for the Scientific Study of Population XXV International Population Conference*, Tours, France, 2005a, p. 1-13.

VAN DE WALLE, E. Birth prevention before the era of modern contraception. *Population & Societies*, 418, 2005b, p.1-4;

WAEGEMAN, M. **Amulet and Alphabet**: Magical Amulets in the First Book of Cyranides.



Amsterdam: J C Gieben, 1987.

WINKLER, J.J. The Constraints of Eros. In: Faraone, C. e Obbink, D (eds). **Magika Hiera**.

Oxford: Oxford University Press, 1991, p. 214-243.